

Diário de Petrópolis, 11 de Dezembro de 2022

A Geopolítica das Fontes Alternativas de Energia (1ª Parte)

Por: Ronaldo Fiani

Pouco depois de assumir, em julho de 2020, o presidente dos Estados Unidos Joe Biden anunciou um plano de US\$ 2 trilhões, envolvendo o desenvolvimento de fontes de energia renováveis (especialmente eólica e solar). Na Alemanha, no primeiro semestre deste ano, as fontes de energia renováveis supriram 49% das necessidades do país (<https://umsoplaneta.globo.com/energia/noticia/2022/07/05/energias-renovaveis-supriram-49percent-da-demanda-da-alemanha-no-primeiro-semester.ghtml>).

Estes são apenas dois exemplos de como os países desenvolvidos estão investindo em fontes de energia alternativas ao petróleo, gás e carvão.

Não coloco em dúvida a importância de tentar controlar o processo de aquecimento global. Contudo, no caso do desenvolvimento de fontes alternativas de energia, há três objetivos em vista: reduzir o processo de aquecimento global, abrir uma nova frente de investimento e crescimento econômico e alterar a configuração geopolítica, neste momento de crise e confrontação entre Estados Unidos e China (juntamente com a Rússia). Vou me concentrar nos dois últimos objetivos.

Com relação à abertura de uma nova frente de investimento, toda nova forma de produzir um bem ou serviço (no caso, energia), ou toda introdução de um novo produto em um mercado oferece novas possibilidades de investimento e

crescimento econômico, desde que seja lucrativo. Voltaremos a este ponto no próximo artigo.

Agora é importante tratar do aspecto mais negligenciado no debate acerca do desenvolvimento de fontes alternativas de energia: o objetivo geopolítico. Muito resumidamente, a Geopolítica estuda a disputa de poder no espaço geográfico. Desde o começo do século XX, a competição pelas fontes de energia em regiões críticas do globo se tornou uma das principais questões geopolíticas internacionais.

A energia se tornou uma questão geopolítica global pouco antes da Primeira Guerra mundial, quando Winston Churchill, que em 1912 era o Lorde do Almirantado decidiu modificar a propulsão a carvão dos navios da Marinha Britânica para propulsão a óleo. Preocupado com a marinha do Kaiser alemão, Churchill avaliou que a propulsão a óleo ofereceria vantagens importantes aos navios britânicos, entre elas o fato de que, ao contrário do que acontece com os navios movidos a carvão, é possível abastecer navios movidos a óleo em alto-mar por navios-tanque (o que aumenta muito a mobilidade da frota). Além disso, navios movidos a óleo exigem menor tripulação na casa de máquinas do que navios a carvão, o que liberava marinheiros para manusear armas no convés.

Contudo, ao abandonar o carvão como fonte de energia para os navios, Churchill criou outro problema: ao contrário do carvão, o Reino Unido não possuía poços de petróleo (o petróleo no Mar do Norte só seria descoberto muito depois, no início dos anos 1960). As principais regiões produtoras na época era a região de Baku no Mar Cáspio (atual Azerbaijão) e o norte da Pérsia (atual Irã). Mais recentemente (dados de 2021), Estados Unidos (14,5%), Rússia (13,1%), Arábia Saudita (12,1%), Canadá (5,8%) e Iraque (5,3%) somam 50,8% da produção mundial

(<https://www.eia.gov/energyexplained/oil-and-petroleum-products/where-our-oil-comes-from.php>). Mesmo sendo o maior produtor, os Estados Unidos estimam que vão perder a autossuficiência neste segundo semestre.

O problema geopolítico do petróleo é exatamente este: o petróleo se encontra concentrado em países que não são os países mais desenvolvidos, sendo que estes últimos são os maiores consumidores de petróleo e os mais poderosos no mundo. Mais importante ainda, o petróleo e o gás são dois recursos muito importantes para a economia da Rússia, uma das nações que atualmente desafiam diretamente a hegemonia dos Estados Unidos.

Desta forma, ampliar o uso de fontes de energia alternativas possui duas vantagens para os Estados Unidos: em primeiro lugar, ao diminuir a demanda global por petróleo reduz o poder de barganha dos países que são grandes produtores, mas não pertencem do clube dos países mais desenvolvidos, principalmente aqueles que se encontram em regiões politicamente instáveis como o Oriente Médio. Em segundo lugar, reduz a renda de petróleo da Rússia, uma fonte de recursos importante para um país que se encontra em guerra e ainda desafia a hegemonia norte-americana. Para as potências europeias, o desenvolvimento de fontes alternativas de energia significa autonomia em relação à Rússia.

Por sinal, ainda que com oscilações, a participação da renda do petróleo no produto interno bruto (o PIB, soma de todos os bens e serviços produzidos pela economia de um país) da Rússia vem caindo desde 2000, quando era de 14,5%, para somente 6,1% em 2020 segundo dados do Banco Mundial. Com efeito, foi justamente no período 2002-2013 que o PIB por habitante russo alcançou sua maior taxa de crescimento, exatamente no período em que o preço internacional do petróleo teve o seu maior patamar (exceto nos anos 2008-2010, anos de recessão mundial).

A solução para os problemas geopolíticos dos países desenvolvidos, portanto, está no desenvolvimento de fontes de energia alternativas competitivas. Como fazer isto? Este será o tema do nosso próximo artigo.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-225361>